

A Clareza das Escrituras e a Pluralidade de Perspectivas Teológicas

Igor dos Santos Paz²⁵²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar a doutrina da clareza das Escrituras e analisar se ela é invalidada pela pluralidade de perspectivas teológicas. Ressaltamos um conceito de compreensibilidade e expomos alguns textos bíblicos que dão testemunho da doutrina. Por fim, qualificamos o que se quer dizer por compreensibilidade das Escrituras e seus limites de uso. Concluimos que não há conflito, pois há na própria Escritura testemunho de pluralidade e que interpretar, com sua conseqüente pluralidade, é parte do que é ser humano.

Palavras-Chave: Clareza das escrituras. Pluralidade. Perspectivas. Interpretação

Abstract: This article aims to present the doctrine of the clarity of Scripture and analyze whether it is invalidated by the plurality of theological perspectives. We emphasize a concept of comprehensibility and expose some biblical texts that bear witness to the doctrine. Finally, we qualify what is meant by the comprehensibility of Scripture and its limits of use. We conclude that there is no conflict, as there is evidence of plurality in Scripture itself and that interpreting, with its consequent plurality, is part of what it means to be human.

Keywords: Scripture Clarity. Plurality. Perspectives. Interpretation.

1. INTRODUÇÃO

Sola Scriptura, somente as Escrituras, é uma das principais solas da reforma protestante. Por trás dessa Sola estão muitas pressuposições, sendo uma delas a doutrina da clareza das Escrituras. A convicção de que as Escrituras são claras serviu de *motif* propulsor para os reformadores. Foi crendo que a Palavra de Deus é acessível ao entendimento de todos os crentes que eles defenderam que a Bíblia deve estar na mão do povo e que o povo é capaz de interpretá-la por si mesmo sem depender ou ser dominado pela interpretação autoritária da Igreja. Essa convicção se expressou na realidade quando muitos reformadores traduziram a Bíblia para o idioma popular.

Não foi sem barreiras que eles defenderam tal visão. É muito conhecida a batalha entre Lutero e Erasmo sobre essa doutrina em *De Servo Arbitrio*, uma obra em que Lutero responde ao livro *De libero Arbitrio* de Erasmo. Lutero se opôs à “ideia de que o magistério da igreja tivesse a palavra final sobre a interpretação da Bíblia e

²⁵² Formado em Teologia pelo Seminário e Instituto Bíblico Maranata (Sibima). Mestrando em Teologia Sistemática pelo Instituto Aubrey Clark. Professor-tutor no Sibima. Serve na área de música e ensino na Igreja Batista Regular de Mucuripe, Fortaleza-Ce. E-mail: igor_paz0@hotmail.com

insistia, em vez disso, que o grande intérprete das Escrituras é o Espírito Santo, que fala por meio dela” (WARD, 2017, p.141). Credo no sacerdócio universal de todos os crentes, Lutero estava convicto que todos os crentes são ministros da Palavra de Deus.

Os teólogos católicos do tempo dos reformadores, incluindo Erasmo, apresentaram uma série de objeções à doutrina.²⁵³ Dentre elas estava a objeção de que a doutrina da clareza das Escrituras falhava na prática, dada a realidade de diversas interpretações (THOMPSON, 2006). Como Lutero poderia defender essa doutrina se na prática não havia unanimidade nas interpretações que eles faziam? “A realidade parecia mostrar que havia uma espécie de egoísmo interpretativo” (VANHOOZER, 2017, p.42) em que cada um interpretava de acordo com sua visão. Não é conhecimento de todos que Lutero e Zuínglio divergiam ferrenhamente quanto à questão da Ceia do Senhor? Se as Escrituras são claras, por que há diversas teologias arrogando para si serem fiéis ao que Deus diz em Sua palavra? Não parece haver clareza no meio da nebulosa diversidade interpretativa.

O objetivo deste artigo é apresentar a doutrina bíblica da clareza das Escrituras e como podemos lidar com a realidade da pluralidade de interpretações ou sistemas teológicos. Há de fato um conflito? Começaremos apresentando um conceito de clareza das Escrituras, expondo passagens bíblicas-chave para compreensão dessa doutrina. Analisaremos onde está o (possível) conflito com a realidade da diversidade interpretativa. Apresentaremos que a doutrina não requer a exclusão de múltiplas perspectivas. Concluiremos apresentando uma qualificação: a multiplicidade é desejável e bíblica, por uma defesa da teologia sinfônica e hermenêutica criacional.

2. DEFININDO CLARITAS SCRIPTURAE

A doutrina da clareza das Escrituras teve outros nomes ao longo da história, feito “perspicuidade” e “compreensibilidade”. Esse último termo é preferível, pois é uma linguagem mais próxima do que as Escrituras apresentam (veremos abaixo).²⁵⁴

²⁵³ Para uma lista de objeções tradicionais, ver THOMPSON, Mark D. *A Clear and Present Word: The Clarity of Scripture*. Apollos. Edição do Kindle, 2006, posições 235-416.

²⁵⁴ Wayne Grudem expressa opinião similar quando diz: “Fui convidado a apresentar esta palestra sobre “a perspicuidade da Escritura”. Mas não acho que o termo “perspicuidade” seja particularmente perspicaz hoje em dia; portanto, às vezes me afastarei da redação do tópico designado e falarei da doutrina da *clareza* da Escritura, que eu acho que significa quase a mesma coisa. No entanto, um terceiro termo que poderia descrever esta doutrina é a *compreensibilidade* da Escritura, como será evidente pelo que se segue.” GRUDEM, Wayne. “The Perspicuity of Scripture” em *Themelios* 34.3 (2009): 288-308.

Há passagens no Novo Testamento que nos mostram que certas partes das Escrituras são difíceis de serem entendidas. Em 2 Pedro 3.16 temos uma evidência. Sobre os escritos de Paulo, diz que “há pontos difíceis de entender”. Quando perguntado “Entendes o que lê?” o Eunuco responde: “como poderei entender, se alguém não me ensinar?” (At 8.31).

Tendo em vista tais passagens, em que sentido dizemos que as Escrituras são claras? A Confissão de Westminster, Capítulo 1, VII, apresenta:

Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em uma ou outra passagem das Escrituras são tão claramente expostas e aplicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso de meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão deles (WESTMINSTER, 2008, p.22).

O conceito apresentado pela Assembleia de Westminster traz pontos positivos e negativos. Reconhece que há passagens que não são claras (portanto, lida com aqueles textos como 2 Pedro); afirma que Escrituras são acessíveis tanto para doutos, quanto para indoutos; que se deve usar meios ordinários etc. O ponto fraco é sua restrição ao que deve ser obedecido, crido e observado para *a salvação*. Quando olharmos os textos bíblicos, essa não é uma restrição que as Escrituras se preocupam em fazer.

Depois de uma exaustiva análise de textos bíblicos que falam direta ou indiretamente da clareza das Escrituras, Gregg Allison define a doutrina nas seguintes palavras:

A clareza da Escritura significa que ela foi escrita de tal forma que os seres humanos comuns, possuindo a capacidade normal adquirida de compreender a comunicação escrita e/ou oral, podem ler a Escritura com compreensão ou, se não conseguirem ler, podem ouvir a Escritura lê-la e compreendê-la. Homens e mulheres, jovens e velhos, urbanos e nômades do deserto, treinados em seminário e sem instrução, podem ler e compreender a Bíblia (ALLISON, 1995, p.96-97).

Essa é uma definição bem abrangente, mas deixa de fora algumas nuances do que significa compreender. Mas, na superfície, ao falar que é compreensível a todos, com treinamento ou não, ela atesta o fato de que ela é compreensível porque há partes nela mais fáceis de serem entendidas do que outras (e aqui entra outro princípio usado pelos reformadores: a Escritura interpreta a Escritura, isto é, interpretamos textos obscuros à luz de textos mais claros. A validade disso não cabe ser discutida aqui).

A definição de Wayne Grudem é boa, mas deixa de fora, igual ao Allison, as nuances que os textos bíblicos trazem sobre os níveis e sentidos de *compreensão*. Grudem define a doutrina como: “dizer que as Escrituras são claras é dizer que a Bíblia

está escrita de modo tal que seus ensinamentos podem ser compreendidos por todos os que a lerem buscando o auxílio de Deus e dispondo-se a acatá-la” (GRUDEM, 2012, p.73).

Quem consegue captar tais nuances é John S. Feinberg ao apresentar que o conceito bíblico de *clareza* envolve três sentidos de *compreensão*. A primeira diz respeito a uma compreensão intelectual, isto é, “envolve apenas a compreensão do significado linguístico de uma determinada passagem. Isto é possível através do conhecimento do vocabulário do idioma e de suas regras gramaticais” (FEINBERG, 2018, Locais do Kindle 14365-14366). Então alguém pode entender, o sentido, lendo os Evangelhos, tendo uma educação básica (ou ouvindo como dá conta a definição de Allison) que Deus enviou Jesus ao mundo para morrer pelos seus pecados e entender que Deus requer obediência de suas criaturas. Esse tipo de compreensão não garante fé; mas a realidade nos mostra que muitos ouvem e entendem essas mensagens. Esse é um dos sentidos que podemos falar de compreensão.

O segundo sentido que Feinberg faz distinção é que compreender inclui perceber que a Bíblia diz coisas relevantes para a maneira como as pessoas vivem e pensam. Ela se aplica à sua vida quando lê. Mas, mesmo que se compreenda isso (e o mundo entende, pregando falsamente amor, retidão moral etc.), um terceiro sentido é necessário para a compreensão “ser efetiva”. Esse sentido é (e parece ser o mais em vista em diversos textos bíblicos) que “o sentido mais completo da compreensão de um texto escrito envolve a escolha de obedecer ao que o texto exige. Sem isso, então no sentido mais significativo, o leitor não “entendeu” ao ler o texto” (FEINBERG, 2018, Locais do Kindle 14370-14371).

Essas nuances de sentido de compreensão dão conta do que muitos textos apresentam quando falam sobre compreensão das Escrituras. Muitos tratamentos da doutrina focam em um desses sentidos. A definição de Westminster apresenta o primeiro e segundo sentido. A do Allison parece focar no primeiro sentido. E Grudem foca no último sentido.

2.1 OS TEXTOS BÍBLICOS

Não há um texto bíblico que se dirija diretamente a essa doutrina. No entanto, ela é pressuposta em várias passagens em que podemos ver de modo direto ou menos

direto. Veremos brevemente dois textos no Antigo Testamento e dois textos no Novo Testamento textos mais diretos.²⁵⁵

Deuteronômio 29.29. Neste capítulo, Moisés apresenta ao povo a aliança que o Senhor ordenou a Israel. Moisés faz uma distinção entre coisas secretas e aquelas que Deus revelou. O propósito de Deus dar as coisas reveladas a Israel foi para que eles cumprissem todas as palavras da lei. E que coisas reveladas são essas? São as coisas relacionadas a aliança, como bênçãos por cumprir e maldições por desobedecer. Tendo em vista o propósito de Deus revelar essas coisas para que eles cumpram, é pressuposto que essa revelação de Deus deva ser compreendida. Como eles poderão cumprir todas as palavras da lei se não a entenderem? A aliança, as estipulações e as bênçãos deveriam ser claras ao povo para que pudessem cumprir o que ela exigia. O próprio fato de Deus tê-la revelado significa que ela se tornou conhecida e que seu propósito pressupõe compreensão.

Deuteronômio 30.11-14. Esse é um texto que deixa claro o ponto da compreensibilidade das Escrituras. O Senhor de modo explícito diz “Porque esse mandamento que, hoje, te ordeno não é demasiado difícil, nem está longe de ti” (v.11). Se Deus diz que não é difícil de cumprir, no mínimo pressupõe que o povo tinha compreendido o que Ele disse. O v.14 nos indica que o povo sabia o que Deus requer quando diz: “pois a palavra está mui perto de ti, na sua boca e no teu coração, para a cumprires”. Ela é acessível, compreensível. Esses versos nos indicam dois tipos de compreensão: “Eles são compreensíveis intelectualmente e são conhecidos por todos por exigirem obediência. Deus também queria que seu povo entendesse no sentido de obedecer voluntariamente” (FEINBERG, 2018, Locais do Kindle 14440-14441).

1 Coríntios 2.14-15. Esse texto não seria contra a clareza das Escrituras? Paulo não está dizendo que o homem natural não entende as coisas porque elas se discernem espiritualmente? Embora seja um texto usado para tratar da iluminação pelo Espírito, ele nos diz algo sobre a compreensibilidade. Paulo está fazendo uma distinção entre salvos e não-salvos (v.9-15). O Crente aceita, entende e faz a vontade de Deus, porque o Espírito habita nele. Já o descrente não aceita as coisas porque lhe são loucuras. A ideia aqui é que o descrente não aceita ou não compreende no sentido de que ser habitado pelo Espírito e, portanto, não aceita as coisas de Deus. Não compreender aqui é não

²⁵⁵ Para ver um tratamento bem completo de vários textos, tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento, ver Allison, Gregg. *The Protestant Doctrine of the Perspicuity of Scripture: A Reformulation on the Basis of Biblical Teaching.* PhD diss., Trinity Evangelical Divinity School, 1995, pp.161-427.

aceitar, não obedecer. Eles não aceitam, não obedecem ou não entendem porque a compreensão envolve a aceitação voluntária da palavra de Deus, pois é possível somente para aqueles que conhecem Cristo, que tem o Espírito. O descrente pode até compreender intelectualmente, mas não volitivamente.

2 Pedro 1.19. Por fim, o texto de 2 Pedro. Embora visto primariamente como testemunho para inspiração, ele nos lança luz sobre a clareza da palavra. Aqui temos uma das metáforas bastante usadas para a palavra de Deus: a luz (vemos nos Salmos também). Pedro diz que se faz bem em atender à palavra profética, aquela que Deus falou. A maneira como se deve fazer isso é tornando-a “como uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração”. É difícil usar a metáfora de luz para uma coisa que não é clara ou compreensível. Pedro emprega tal metáfora porque pressupõe que a palavra profética é compreensível, por isso ela deve ser usada como candeia que brilha em lugar tenebroso”. Não dá para usar essa metáfora para um texto incompreensível, seria obscuro.

3. DE ONDE VEM O CONFLITO?

Tendo estabelecido que a Escritura é compreensível, por que há diversas perspectivas teológicas e não uma só? Se ela é compreensível ao douto e indouto, se é clara, por que não há acordo sobre sua interpretação?

O aparente conflito surge por causa de uma má compreensão da doutrina *claritas scripturae*, atribuindo a ela a capacidade de fazer mais do que pode. Textos como 2 Pe 3.16 e Atos 8.31 são oportuno em mostrar que há limites para as implicações da doutrina. Embora não suficientes para refutá-la, esses versículos impõem limites necessários para que não haja má compreensão ou extrapolação do uso da doutrina. Wayne Grudem nos dá uma série de qualificações sobre o que a doutrina da compreensibilidade das Escrituras não quer dizer. Veremos algumas delas.

A primeira é que as Escrituras afirmam serem compreensíveis, mas não toda de uma vez (GRUDEM, 2009, p.294). A Bíblia nos dá testemunho de que é preciso meditar, ponderar nas coisas de Deus (Js 1.8, Sl 1.1-3). Paulo, aconselhando Timóteo, crê que Timóteo ponderando nas coisas que Paulo acabara de lhe aconselhar, Deus lhe daria compreensão (2 Tm 2.7). Não que Timóteo não compreendesse o sentido do que Paulo falou, mas que as implicações do que acabara de dizer para o seu ministério viria com o tempo. De todo modo, a compreensão viria pelo ponderamento, meditação, não de uma vez.

Relacionado à recepção da Palavra e ação do Espírito, Grudem qualifica que as Escrituras são capazes de serem compreendidas, mas não sem a vontade do leitor de obedecê-la e não sem a ajuda do Espírito Santo (GRUDEM, 2009). Essa qualificação dá conta de um dos sentidos de compreensão que vimos acima feito por Feinberg: compreensão como obediência. A pessoa obstinada em compreender (estultícia que fala) jamais irá compreender. É necessário um certo esforço de entender as implicações das Sagradas Escrituras para sua vida. Deus não quer que nos aproximemos da Sua palavra somente intelectualmente, mas para termos comunhão: o propósito de toda autocomunicação divina.

O papel do Espírito (como demonstração de graça) nisso não é “aperfeiçoar atos interpretativos naturais [...]” (VANHOOZER, 2017, p.98). Antes, ele “*restaura* nos agentes interpretativos a retidão da mente e do coração e *reorienta* os atos interpretativos na direção do fim a que se propõe: receber Cristo em nosso coração e em nossa mente” (VANHOOZER, 2017, p.98).²⁵⁶ Essa qualificação mostra também uma interrelação com a doutrina da iluminação. John Webster entende iluminação como as “formas pelas quais a operação da inteligência, na sua condição de criatura,²⁵⁷ é causada, preservada e dirigida pela luz divina, cujo brilho faz com que as criaturas saibam: ‘que a luz é o que permite [à alma] compreender o que quer que esteja dentro do alcance de seus poderes’ (WEBSTER, 2012, p.50). Espírito nos ilumina nos fazendo ter a atitude correta para receber a Palavra, isto é, a compreendê-la.

Somado à primeira qualificação está que as Escrituras afirmam serem compreensivas, mas nunca completamente (GRUDEM, 2009, p.300). O conhecimento se dá de maneira gradual. O autor aos Hebreus expressa seu desejo de tratar de coisas mais profundas, pelo fato de a igreja ainda ser infante, não poderia comer alimentos mais sólidos. Tendo em mente que há níveis de maturidade no conhecimento, ele reflete isso ao dizer que “Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal” (Hb 5.14). Esse verso nos mostra que “há um nível inicial de compreensão disponível para os primeiros leitores da Bíblia e disponível até certo ponto para as crianças, e há níveis mais

²⁵⁶ Ênfases do autor. Vanhoozer está originalmente falando da graça, mas cabe muito bem em relação ao Espírito Santo.

²⁵⁷ Essa é uma frase pode ser traduzida de outra maneira. Webster diz “creaturely intelligence”, que pode ser também “inteligência criada”. A ideia remete à condição de seres criados, criaturas. Webster usa muito essa maneira para se referir à realidade, às pessoas, a eventos humanos. Tudo coisas relacionadas à condição de criaturas do pondo de vista divino. Ele o faz como uma maneira de ressaltar a ação comunicativa divina em criaturas.

profundos de compreensão que vêm com a leitura adicional e o crescimento da maturidade cristã” (GRUDEM, 2009, p.300).

Adicionando outra qualificação²⁵⁸, a doutrina da clareza das Escrituras não é juiz hermenêutico. Isto é, apelar para essa doutrina como palavra final sobre alguma interpretação ou questão no texto é extrapolar o seu uso. Isso precisa ser dito porque é possível ver esse tipo de uso para estabelecer ponto final em questões interpretativas. Lembro-me de uma vez numa sala de aula em que o professor de teologia sistemática fechou todo um debate sobre um texto, dizendo: “Está aí! As Escrituras são claras!”²⁵⁹ Essa afirmação nesse contexto pressupõe muitas coisas e uma delas é a ideia que a qualificação a seguir tenta corrigir.

Por fim, com mais uma qualificação adicional, podemos dizer que a clareza das Escrituras não significa interpretação imediata ou ausência de múltiplas perspectivas sobre o texto. Essa pode se mostrar mais relacionada com a questão da clareza e pluralidade de perspectivas teológicas, tendo em vista que se pressupor que clareza quer dizer conhecimento imediato ou unicidade de interpretação, então teremos um conflito.

Essa qualificação previne que haja tal conflito. Clareza não quer dizer interpretação imediata, pois não existe tal coisa. Toda interpretação é situada dentro de uma perspectiva. A própria Escritura nos dá testemunho disso. Embora haja um evangelho, ele é retratado por quatro perspectivas: a de Mateus, a de Marcos, a de Lucas e a de João. Embora Deus seja um, há três pessoas divinas. Paulo, em Efésios 4, apresenta essa realidade ao mostrar pluralidade na unidade. Há um só Senhor, Espírito, fé etc. O corpo é um, mas Deus concedeu uns para apóstolos, evangelistas, pastores e mestres. Um corpo com diversos membros.

Vern Poythress chama atenção para a presença de perspectivas nas Escritas notando o uso de analogias e metáforas. Por exemplo, as Escrituras apresentam o reino de Deus sob a perspectiva de uma grande Pedra (Dn 4.44,45) ou também como um grão de mostarda (Lc 13.19) (POYTHRESS, 2016, p.10). A Bíblia apresenta Deus na figura paterna (Is 64.8), bem como materna (Is 66.10-14).²⁶⁰ Perspectiva nada mais é do que

²⁵⁸ Por mim, não por Grudem.

²⁵⁹ Para uma crítica sobre esse mesmo ponto, ver HÜBNER, Jamin. “Revisiting the Clarity of Scripture in 1 Timothy 2:12” em JETS 59/1 (2016): 99–117.

²⁶⁰ Poythress dedica um capítulo inteiro dando exemplos de uso de analogias e metáforas na Bíblia como prova de uso de perspectiva dentro das Escrituras, ver POYTHRESS, *Teologia Sinfônica*, pp.33-49.

uma maneira “coerente de ver as coisas que atende a características específicas de algum objeto de estudo” (POYTHRESS, 1016, p.16).

Nós só vemos por perspectivas, seja a realidade, seja a interpretação de um texto. Longe de contrapor à clareza das Escrituras, as perspectivas ampliam nossa compreensão dela. Vimos alguns sentidos que *compreensão* é usada nas Escrituras. “Usamos o que descobrimos em uma perspectiva para reforçar, corrigir ou melhorar o que entendemos por meio da outra” (POYTHRESS, 2016, p.51). Ter quatro relatos do Evangelho amplia nossa compreensão dele, pois ninguém pode ter apreensão total de qualquer objeto. As múltiplas perspectivas reconhecem “a riqueza da verdade e se baseia no fato de que o ser humano é limitado” (POYTHRESS, 2016, p.54).

Uma boa amostragem de que ser humano é ver em perspectiva ou estar situado foi apresentado por James K. A. Smith em *A Queda da Interpretação*. A grande ideia de Smith, sua interpretação da interpretação, é que a hermenêutica é constitutiva da criaturidade, mas que por ser algo criado, é estruturalmente boa. Faz parte de quem nós somos como seres humanos, finitos, interpretar, e essa hermenêutica sempre é situada. Em suas próprias palavras, Smith diz:

Ser humano é interpretar – intermediar o entendimento entre dois ou mais entes finitos. A interpretação, então, é exigida por um “estado de coisas” no qual encontramos seres *finitos* ou situados *em relação*. Esses dois elementos – intersubjetividade e finitude – são as condições para a hermenêutica; mas, como parte essencial do ser humano e do viver no mundo. A hermenêutica – a necessidade de intermediar o entendimento entre entes finitos – é, portanto, um aspecto inevitável do ser humano, e não um modo acidental ou caído de ser (SMITH, 2021, p.219).

A pluralidade de sistemas ou interpretações é inevitável porque é parte estrutural do ser humano interpretar e essa hermenêutica se constitui por elementos intersubjetivos e finitos. O elemento intersubjetivo está presente porque vivemos com outras pessoas e precisamos disso para nosso crescimento, enriquecimento e comunicação. “Se não houvesse comunicação entre os entes, não haveria necessidade de interpretação” (SMITH, 2021, p.220). A comunicação exige hermenêutica porque está em relação ao outro.

Hermenêutica é necessária não só por causa do outro, mas também por causa da nossa finitude. Temos linguagem, vocabulário e pensamentos próprios. Temos uma história, tradição. A interpretação se torna inevitável. A finitude mostra nossa situacionalidade, “a localidade do ser humano, o fato de que ouço ou leio a partir de um local específico ou determinada situação” (SMITH, 2021, p.220).

As Escrituras, embora divinas, refletem esse estado de ser humano quando nos apresentam uma diversidade de perspectivas. Podemos falar da teologia de Tiago, de Paulo, de Moisés, como estudamos na teologia bíblica. Todos foram instrumentos para nos apresentar a verdade de Deus em sua riqueza. Eles juntos constroem uma teologia sinfônica. Portanto, tanto bíblica quanto filosoficamente, não é estranho que haja pluralidade de perspectivas teológicas e a compreensibilidade das Escrituras comporta muito bem tal noção, pois a compreensão das Escrituras se dá em perspectivas como todo objeto que apreendemos na realidade.

CONCLUSÃO

Quando as Escrituras não são compreendidas, geralmente preocupam-se em dizer que a falha está em quem lê, não no texto. De certo modo isso é verdade, mas é importante entender em que sentido algo não foi compreendido. É possível ter convicção de que as Escrituras são compreensíveis, de fácil entendimento em várias partes, intelectualmente quando se faz uso de meios ordinários. Quem não consegue entender que Jesus veio da Galileia, que nasceu em Belém?

Há muitas outras maneiras de qualificar a doutrina da clareza das Escrituras. No entanto, restringimo-nos àquelas que julgamos relacionar-se mais diretamente com a aparente nebulosidade de perspectivas teológicas. Não há conflito. As Escrituras são compreensíveis no seu significado, significância e santificação.

A própria Escritura testemunha de pluralidade de teologias ou interpretações. E é de se esperar tal coisa porque nosso Deus é trino. Não é estranho que mesmo crentes, teólogos, pessoas assistidas pelo Espírito Santo, interpretem diferentemente as Escrituras. Isso faz parte de quem nós somos como criaturas. A pluralidade de perspectivas vai surgir porque há várias maneiras de descrever um objeto ou interpretar um texto.²⁶¹ E isso só pode ser feito quando se compreende um objeto ou texto, caso contrário não haveria conhecimento algum.

REFERÊNCIAS

²⁶¹ É claro que há limites para interpretação. Infelizmente, não há espaço aqui para apresentar os critérios para tais limitações.

ALLISON, Gregg R. **The Protestant Doctrine of the Perspicuity of Scripture**: a reformulation on the basis of biblical teaching. PhD diss., Trinity Evangelical Divinity School, 1995.

FEINBERG, John S. **Light in a Dark Place**: the doctrine of scripture. Foundations of Evangelical Theology, series edited by John S. Feinberg, Wheaton: Crossway, 2018. Edição do Kindle.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

_____. "The Perspicuity of Scripture" em *Themelios* 34.3 (2009): 288-308.

POYTHRESS, Vern S. **Teologia Sinfônica**: a validade das múltiplas perspectivas em teologia. São Paulo: Vida Nova, 2016.

SMITH, James K. A. **A Queda da Interpretação**: fundamentos filosóficos para uma hermenêutica criacional. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

THOMPSON, Mark D. **A Clear and Present Word**: the clarity of scripture. NSTB (New Studies in Biblical Theology), series edited by D. A. Carson, IVP Academy, Apollos, 2006. Edição do Kindle.

VANHOOZER, Kevin J. **Autoridade Bíblica Pós-Reforma**: resgatando os *solas* segundo a essência do Cristianismo protestante puro e simples. São Paulo: Vida Nova, 2017.

WARD, Timothy. **Teologia da Revelação**: as escrituras como palavras de vida. São Paulo: Vida Nova, 2017.

WEBSTER, John. **The Domain of the Word**: scripture and theological reason. T&T Clark, 2012.

WESTMINSTER, Assembleia de. **Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.